

Morfologia do Nome e do Verbo

1. Falar com coisas

As coisas, por detrás de nós,
exigem: falemos com elas,
mesmo quando nosso discurso
não consiga ser falar delas.

Dizem: falar sem coisas é
comprar o que seja sem moeda:
é sem fundos, falar com cheques,
em líquida, informe diarreia.

(MELO NETO, João Cabral de. In: Obra completa, Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 1994.)

exigem: falemos com elas, (v.2)
não consiga ser falar delas. (v.4)

- Estabeleça um comentário comparativo entre as duas estruturas destacadas acima.
- A predicação do verbo “falar” é a mesma em ambas as construções? Justifique sua resposta.

2. Natal

Jesus nasceu! Na abóbada infinita
Soam cânticos vivos de alegria;
E toda a vida universal palpita
Dentro daquela pobre estrebaria...

Não houve sedas, nem cetins, nem rendas
No berço humilde em que nasceu Jesus...
Mas os pobres trouxeram oferendas
Para quem tinha de morrer na Cruz.

Sobre a palha, risonho, e iluminado
Pelo luar dos olhos de Maria,
Vede o Menino-Deus, que está cercado
Dos animais da pobre estrebaria.

Não nasceu entre pompas reluzentes;
Na humildade e na paz deste lugar,
Assim que abriu os olhos inocentes,
Foi para os pobres seu primeiro olhar.

No entanto, os reis da terra, pecadores,
Seguindo a estrela que ao presepe os guia,
Vêm cobrir de perfumes e de flores

O chão daquela pobre estrebaria.

Sobem hinos de amor ao céu profundo;
Homens, Jesus nasceu! Natal! Natal!
Sobre esta palha está quem salva o mundo,
Quem ama os fracos, quem perdoa o Mal!

Natal! Natal! Em toda Natureza
Há sorrisos e cantos, neste dia...
Salve, Deus da Humildade e da Pobreza,
Nascido numa pobre estrebaria!

OLAVO BILAC *In*: BUENO, Alexei (org.). *Olavo Bilac: obra reunida*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1996.

Observe os seguintes empregos da preposição “de”: “Dos animais” (v. 12) e “de flores” (v. 19). Em cada caso, ela indica uma relação de sentido diferente. Cite os valores semânticos dessa preposição nos exemplos citados. Reescreva, ainda, cada construção, substituindo o “de” por outra preposição de sentido equivalente.

3. Vede o Menino-Deus, que está cercado (v. 11)

As formas verbais deste verso modificam a representação do fato relatado, já que nas duas primeiras estrofes predomina o tempo passado dos verbos. Explícite o efeito estilístico causado pelo emprego de cada uma dessas formas verbais: uma no modo imperativo e outra no presente do indicativo.

4. Das vãs sutilezas

Os homens recorrem por vezes a sutilezas fúteis e vãs para atrair nossa atenção. (...) Aprovo a atitude daquele personagem a quem apresentaram um homem que com tamanha habilidade atirava um grão de alpiste que o fazia passar pelo buraco de uma agulha sem jamais errar o golpe. Tendo pedido ao outro que lhe desse uma recompensa por essa habilidade excepcional, atendeu o solicitado, de maneira prazenteira e justa a meu ver, mandando entregá-lhe três medidas de alpiste a fim de que pudesse continuar a exercer tão nobre arte. É prova irrefutável da fraqueza de nosso julgamento apaixonarmo-nos pelas coisas só porque são raras e inéditas, ou ainda porque apresentam alguma dificuldade, muito embora não sejam nem boas nem úteis em si.

Montaigne, **Ensaio**.

A expressão sublinhada no trecho “...ou ainda porque apresentam alguma dificuldade, muito embora não sejam nem boas nem úteis em si” pode ser substituída, sem prejuízo para o sentido, por

- a) desde que.
- b) contanto que.
- c) uma vez que.

- d) a não ser que.
- e) se bem que.

5. O século louco

Do século XX, no futuro, se dirá que foi louco. Um século que usou ao máximo o poder do cérebro para manipular as coisas do mundo e não usou o coração para fazer isso com sentimento solidário.

Um século no qual a palavra inteligência perdeu o seu sentido pleno, porque o raciocínio foi capaz de manipular a natureza nos limites da curiosidade científica, mas não foi usado para fazer um mundo melhor e mais belo para todos. A inteligência do século XX foi burra. Foi capaz de fabricar uma bomba atômica, liberar a energia escondida dentro dos átomos, mas incapaz de evitar que se usassem duas delas, matando centenas de milhares de pessoas.

O que se pode dizer da bomba atômica, como símbolo do século XX, vale para o conjunto das técnicas usadas nestes cem anos loucos: fomos capazes de tudo, menos de fazer o mundo mais decente – como teria sido possível.

Vivemos um tempo em que a inteligência humana conseguiu fazer robôs que substituem os trabalhadores, mas no lugar de libertar o homem da necessidade do trabalho, os robôs provocam a miséria do desemprego. Inventamos a maravilha do automóvel e aumentamos o tempo perdido para ir de casa ao trabalho. Fizemos armas inteligentes, que acertam os alvos sem necessidade de arriscar a vida de pilotos, mas põem em risco a paz entre os povos.[...]

BUARQUE, Cristovam. Os estrangeiros. A aventura da opinião na fronteira dos séculos. Rio de Janeiro: Editora Garamond, 2002, pp. 113-115.

a) Fazendo todas as modificações necessárias, reescreva o período abaixo sem empregar a conjunção integrante “**que**”.

“Enviados a um computador, esses sinais permitiram que ele controlasse um cursor em uma tela, abrisse e-mails, jogasse videogame e comandasse um braço robótico.”

b) Reescreva o período abaixo, utilizando a conjunção “**embora**” para marcar a relação estabelecida entre as duas orações.

“Inventamos a maravilha do automóvel e aumentamos o tempo perdido para ir de casa ao trabalho.”

Vê – o mundo é belo. A natureza estende nas noites estreladas o seu véu mágico sobre a terra, e os encantos da criação falam ao homem de poesia e de Deus. [...] Quando tua alma ardente abria seus voos para pairar sobre a vida cheia de amor, que vento de morte murchou-te na frente a coroa das ilusões, apagou-te no coração o fanal do sentimento, e despiu-te das asas da poesia? [...] Para os peitos rotos, desenganados nos seus afetos mais íntimos, onde sepultam-se como cadáveres todas as crenças, para esses aquilo que se dá a todos os sepulcros, uma lágrima! [...] Mas nós, mas tu e eu que somos moços, que sentimos o futuro nas aspirações ardentes do peito, que temos a fé na cabeça e a poesia nos lábios, a nós o amor e a esperança: a nós o lago prateado da existência. Embalemo-nos nas suas águas azuis – sonhemos, cantemos e creiamos.

AZEVEDO, Álvares de. Macário. *Noites na taverna e poemas malditos*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1983, p. 138-9.

6. (UERJ) “Quando tua alma ardente abria seus voos para pairar sobre a vida cheia de amor, que vento de morte murchou-te na frente a coroa das ilusões, apagou-te no coração o fanal do sentimento, e despiu-te das asas da poesia?”

Reescreva integralmente apenas a quarta oração, colocando-a na ordem direta e substituindo o pronome oblíquo por um pronome possessivo. Faça somente as alterações necessárias.

7. (UERJ) Observe os seguintes fragmentos do texto:

“onde sepultam-se como cadáveres todas as crenças”

“Embalemo-nos nas suas águas azuis”

Sintetize, em uma frase completa, por que, no texto, esses fragmentos representam atitudes diferentes quanto às regras de colocação dos pronomes átonos enclíticos “se” e “nos”.

Gabarito

1. a) “falemos com elas” é objeto direto oracional; “falar delas” é predicativo oracional.
b) VTI (“com elas” não é adjunto adverbial de companhia) e VI (“delas” é adjunto adverbial de assunto).
2. É sabido que algumas preposições apresentam uma ampla variedade de significados, e entre elas sobressai a preposição “de”, capaz de significar posse, origem, matéria etc. No texto, um poema da autoria de um poeta do final do século XIX que ordinariamente se exprimia em língua muito culta, a preposição “de” é utilizada para introduzir o agente da passiva em “Dos animais” – uso hoje incomum, mesmo na escrita – e para indicar a substância ou matéria em “de flores” – uso corrente no português atual. No primeiro caso, há equivalência entre a preposição “de” e a preposição “por”, que tipicamente introduz termos em função de agente da passiva na língua corrente atual. Assim, a expressão poderia ser reescrita como “pelos animais”. Já no segundo caso, para se preservar a ideia de “substância”, poderia ser empregada a preposição “com”.
3. As formas verbais “vede” e “está” modificam a representação do fato relatado, já que, nas duas primeiras estrofes do poema, predomina o tempo passado dos verbos. Com o modo imperativo, o enunciador interrompe o relato para dirigir-se aos homens, convocando-os a olhar o Menino-Deus. Com o presente do indicativo, o enunciador torna a cena atual e viva, como se ela se desenrolasse diante das pessoas que a testemunham.
4. E
5. a) Gabarito: Enviados a um computador, esses sinais permitiram a ele controlar um cursor em uma tela, abrir e-mails, jogar videogame e comandar um braço robótico.
b) Gabarito: Embora tenhamos inventado a maravilha do automóvel, aumentamos o tempo perdido para ir de casa ao trabalho.
6. Uma das formas abaixo:
 - Apagou o teu fanal do sentimento no coração.
 - Apagou o fanal do sentimento no teu coração.
 - Apagou o fanal do teu sentimento no coração.
7. Uma das possibilidades a seguir:
 - No primeiro trecho, o autor preferiu não seguir a regra que recomenda a próclise com pronomes relativos, enquanto no segundo respeitou a regra que proíbe começar frase com pronome átono.
 - O primeiro trecho representa um registro menos formal de colocação do pronome do que o segundo.